

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confédération Générale du Travail

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGALEndereço telegráfico: *Talhava-Lisbon* • Telefone 5338 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CAMINHANDO PARA A FOME

Não é só a fome que nos bate à espreita. Vem si também o frio, e o frio já não sabe de que deitar ao.

Não há pão, não há carne. Onde iremos parar? Não há resposta possível. Quando o pão estava 28c, reclamava-se. Nesse tempo o feijão custava 50c, o pão 30c. E isto há três meses penas. Os salários dos trabalhadores são hoje os mesmos e o dia, quando o há, custa 40c, o grejão 50c, o bacalhau 25c, o peixe 12c, as batatas 36c, o pão 12c. Não há carne, não há lenha. O azeite está a 450c, o açúcar desapareceu, as massas alimentícias custam 150c e 250c tudo nessa vertiginosa carreira tremor a gente ante o espanto terrível da fome que se nos confronta.

Mas isto não pára aqui, isto é, no seguimento, os preços sobem dos os dias e nos, por mais que recuemos ver de onde possa vir qualquer rremédio, não o mos deparar-se-nos. Que terrível é esta fome das dias nos esperam!

Este ano vai assim e se ele pôr a lavar-se ao fim do que será próximo? De que viveremos os, que trabalhamos? Onde vamos buscar com que nos alimentarmos, vestirmo-nos, aquecêmo-nos no inverno, se não há nenhuma cada vez haverá menos?

Não se produz, não se importa, porque lá fora também a abundância não é grande, já por o dinheiro português está reduzido a infima percentagem em seu fundo de garantia... que havemos pois de fazer?

Trabalhar, diz-se. Sim, trabalhar. Semear, coletar, edificar. Mas trabalhar com quem e para quem, se os que aí trabalham são os que andam esfarrados e famintos? Se a terra dos bem-comidos, que ainda os e são esses que escarnecem carnes nuas dos que suam para lhes alimentar os ocos? Como os trabalhadores assim devem a um trabalho aturado, fico?

Excomungado trabalho que mata de fome quem dele quer vivê-lo. Isto assim não pode continuar. Nem a classe burguesa deva conta do abismo que se está abrindo sob os pés, nem classe trabalhadora suspeita das amargurados que a espanta.

Batendo sempre no mesmo bicho, para justificarmos o nosso pessimismo, quando dizemos que de-

Há pouco mais de seis meses foram uns cavaleiros quaisquer à fábrica de azeite da C. U. F., em Alferraredo e lá selaram, não nos ocorre agora quantas centenas de milhares de litros de azeite extra, azeite que tendo graduação de consumo, aquela fábrica estava fazendo aplicar-lhe um produto químico que neutraliza a azeide. Assim fazia a U. F., visto que o azeite, tal qual estava, simplesmente com a adulteração inicial, mantendo dois graus, era ela obrigada a vendê-lo a 50c. Mas, preparado, já o podia vender ao responsável público a 120c...

Feita a selagem, a C. U. F. deixou-se ficar mansa e queda, porque sabia o que valia aquela pequena incomodidade que a lei lhe determinava. Não lhe foi permitido vender o precioso e adulterado óleo a 120c, mas já há duas semanas aí vendeu parte dele a 450c.

E factos idênticos são às dezenas, muitos dos quais não chegaram ao nosso conhecimento.

Que valeram, que valem as tabelas do trigo, da semente, das massas? Nada, nada!

Que lucrou o público com a liberdade do comércio? Nada, nada!

E' esta a situação, situação que agravará de dia para dia, se o povo, em vez de lutar animosamente pela defesa da sua triste situação económica, continuar mostrando a indiferença de que até agora tem dado provas tam fisionomias.

Mas o nosso informador tem ainda algumas coisas, na verdade interessantes a contar-nos.

Diz-nos Henrique de Almeida:

"Dos frutos da capacidade técnica com que o «célebre» S. Bernardo mimosou, por várias vezes, os portuenses que necessitam dos serviços telefônicos do Estado, muito teria a dizer, afirmar e provar, se fosse necessário. Para amostra, direi que de uma ocasião estiveram os portuenses e lisboenses, durante seis dias, privados do telefone entre as duas capitais, devido a uma insignificante avaria, cujo desconhecimento se devia premiar a... palmo a palmo! Foi, entre vários, um caso interessantíssimo como referência abonatória da sua competência técnica..."

Como prémio da sabedoria, o famoso S. Bernardo lá foi de longe para Lisboa a desempenhar o lugar de chefe de divisão, para cujas responsabilidades e requisitos... para bem do público, só S. Bernardo estava... habilitado!

O ministro da guerra disse ontem, no conselho de ministros, que estavam assegurados os avivisamentos em Xouxen e nos outros pontos de Marrocos.

Os Estados Unidos despediram das suas fábricas, grande número de operários espanhóis, devido à crise industrial que atravessa aquele país. É possível que a sua situação... Rádio.

Um sindicalista morto a tiro

BARCELONA, 29. — Uns desconhecidos mataram a tiros de revolver o sindicalista João Canuda.

A carruagem que conduzia o chefe superior da polícia, general Arroigui, foi atropelada por um carro elétrico, ficando o general gravemente ferido. Rádio.

A mesma noite um polícia viu vários grupos suspeitos em Finsbury, que se acercou. Repentinamente viu-se chegar de homens, fazendo a polícia que o pôz em fuga os assaltantes. Durante o dia de ontem, adiante outros agentes fizeram a batida sendo capturado um dos assaltantes. Durante a noite não fizeram prisões, mas diz-se que os serviços especiais estão preparados para dar sensacionais notícias. — Rádio.

As tropas de Fiume São consideradas como italianas

ROMA, 29. — Comunicam de Trieste ao *Popolo Romano* que um numeroso grupo de voluntários de Fiume invadiu Albena, invadindo os quartéis, nos quais se apoderaram de viveres e equipamentos, tendo regressado tranquilamente a Fiume.

Os carabinieri de d'Annunzio declararam que consideram os soldados de Fiume como tropas italianas. — Rádio.

OS FERROVIÁRIOS MILITARIZADOS

UM GRANDE EXEMPLO

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa manifesta a sua simpatia pelo grande gesto

A atitude dos operários fardados que veem de abandonar os serviços que tinham sido obrigados a realizar nas linhas do Sul e Sueste, em substituição dos grevistas ferroviários, produziu viva emoção no meio operário, emoção que por mais dum motivo, não deve ter sido menos profunda nos camaradas dirigentes.

E' um acontecimento que se regista pela vez primeira em Portugal e que não nos consta se tenha verificado em qualquer outro país e cujo confronto só serve a dignificar os camaradas que participaram, os quais com tanta consciência se souberam opor à prática de serviços que cabem a operários que dignamente lutam para não serem aniquilados, seus camaradas e seus amigos, eram fardados a desempenhar, concorrendo desse modo para que se prolongasse a solução do conflito ferroviário, em que estão empenhados cerca de 12.000 homens, que através dos mais penosos sacrifícios tem sabido levantar bem alto a dignidade operária.

Sabemos que a actual direcção dos serviços do Sul e Sueste, sobretudo o tenente-coronel Raúl Esteves, desesperada por virtude do grande gesto dos operários fardados, procura lancar-lhes as garras, no intuito de os sujeitarem a uma rancorosa revanche. Mas sabemos igualmente que aqueles camaradas, ao abalançarem-se ao cometimento do seu nobre acto, já calculavam que

1.º Manifestar a sua inteira solidariedade para com os camaradas militarizados para com a sua dignidade.

2.º Desenvolver o governo que se vê a constituir a rápida solução da greve ferroviária com a satisfação das reclamações do comité ferroviário;

3º Conservar a postos para, se for necessário que a C. G. T. lance a greve geral nacional, o povo trabalhador da Lisboa saiba comitizá-la como as circunstâncias o indicam.

ODIO... LEGAL

A questão dos contratados

Filhos e afilhados...

Continuamos hoje a análise da situação, moralmente deprimente, em que se pretende colocar os funcionários que por contrato desempenham funções públicas.

E' bem de ver que só é admitido por contrato o indivíduo que por suas habilitações seja reputado conveniente para bem do serviço.

Acontece, porém, que uma vez no exercício das suas funções, o caso muda de figura.

Os serviços são prestados... pelo pessoal contratado, e o outro pessoal

deve ser, por acréscimo, a circunstância que autoriza o necessário.

Com um critério assim é realmente motivo de estranheza que aquilo ainda

se agente ainda em pé!

O indulto de Santos Chocano

Herrera poupa a vida do grande poeta da língua espanhola

GUATEMALA, 29. — O poeta Santos Chocano que foi condenado à morte por um conselho de guerra, acaba de ser indultado pelo presidente Carlos Herrera.

O presidente Herrera, dando por fim satisfação às diferentes intervenções especialmente à do rei de Espanha e da maior parte dos chefes de estado da América Latina, assim como à diferentes grupos científicos e literários, quis mostrar-se magnânimo, tendo poupado a vida do grande poeta da língua espanhola. — Rádio.

CONSELHO JURÍDICO DA C. B. T.

O dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dá hoje consultas, pelas 21 horas.

Todos, desde o mais rude servente, a mais alto tubarão, se devem considerar contratados, auferindo regalias que os chamados contratados, de facto, nunca veem a possuir.

Sendo assim, parece terem estes últimos mais razão de queixa que os primeiros, a quem em boa prudência se pode impor mais um pouco de calma e raciocínio.

Não foi todo o pessoal telegráfico postal encontrar estabelecido, como lhe adentro daquela repartição, ordenados, reformas e várias regalias, e bem assim, um regulamento interno disciplinário que juro respeitar ao entrar para aqueles empregos, onde se deu por satisfeito com tais regalias?

Se a vida depois se tornou um horror, é um caso secundário; se aqueles empregados tiveram que apelar para a união da classe, e se viram forçados a recorrer à greve como recurso extremo para não sucumbirem, não é um acto de indisciplina? Para isto aquele extremo, não tiveram todos a noção clara de que, com o antigo ordenamento, era impossível a vida?

Que diferença há, pois, entre o procedimento destes e o procedimento do contratado que, aceitando, de boa vontade (como os outros), as cláusulas do seu contrato e achando-as transitóriamente suficientes, acabam, ao fim de de guerra?

Trabalhadores portugueses em França

Ascende já a 15.000 o número de trabalhadores portugueses que vivem em França, sobretudo nos arredores de Paris e Pas de Calais, sendo muito lissonjeiras as referências que as autoridades e patrões fazem da sua capacidade e bom comportamento. Parece que se pensa voltar a instituir em França um agente ou fiscal como houve durante

CARIDADE OFICIAL...

Como termina seus dias um velho militar

Protestar? Não vale a pena. Apenas contar o facto. Depois os comentários será o leitor quem os há-de fazer.

Um velho militar, reformado — da 6.ª Companhia de Reformados — com 80 anos de idade, dirigia-se, como lhe era possível, mal podendo caminhar, ao quartel do Batalhão dos Serviços de Caminho de Ferro, no Campo de Ourique, onde estavam recolhidas a 6.ª e a 7.ª companhias de reformados. Quando se encontrava próximo do portão da entrada do quartel, o pobre velho, por doença, pelos anos, por fraqueza, caiu prostrado.

Informado do ocorrido, o comandante do referido batalhão ordenou que lhe ministrasse algum alimento, apesar de, utilizando o seu automóvel, entrar o pobre homem ao hospital militar.

Até aqui, tudo vai o melhor que é possível. Os acontecimentos são, pelas circunstâncias em que o pobre velho se encontra, o resultado lógico das circunstâncias que amanhã concorrerão em todos os servidores do Estado — militares ou não. Quanto ao procedimento do comandante do batalhão, foi humanitário. E isto escreve-se num jornal onde o mesmo militar tem sido objecto de vivos ataques em virtude do seu procedimento em relação aos ferroviários do Estado.

Começa depois a dolorosa odiseia do militar de 80 anos.

Passados 6 dias, de internamento no hospital, foi «intimada» alta, com a notícia de que não tinha qualquer doença e tanto assim... que nos braços de três homens foi transportado para o quartel!

O pés do pobre desgraçado estavam em chaga, e bem assim um dos joelhos. Não dormia, nem deixava dormir, pelos gritos que o sofrimento lhe arrancava.

Chamado o médico do batalhão, verifica que o estado do doente é perigoso, e prescreve novo internamento imediato.

O doente é novamente conduzido ao hospital numa carreta. No hospital recusam acolhê-lo, e reenviam-no ao batalhão. As circunstâncias dos camaradas não permitem, por sua parte, um auxílio eficaz. Falto de socorros, caminhou pelo piso, como o protagonista de certo conto trágico, o mal-aventurado «pôe-se a morrer». E, morreu.

Isto aconteceu há dias em Lisboa.

EM TOMAR

A burguesia ri-se das leis

Segundo nos informam de Tomar, o Tribunal de Acidentes de Trabalho funciona ali só a favor dos patrões. A Federação das Associações de Classe de Tomar trabalhou afinadamente em harmonia com a lei, o referido tribunal.

Muitos lamentam já o tempo e as cancelas que para tal fim empregaram.

O juiz do referido tribunal não se tem portado com a correção devida. Ele assiste à conferência junto dos vogais, fazendo peso para o lado dos patrões.

Os últimos julgamentos foram de verdadeira desgraça. Todos foram revogados pela Relação de Coimbra, a favor dos patrões que para aquele tribunal superior apelaram.

O sr. Lima Simões, que se recusou a pagar a um seu servador que ficou inutilizado ao seu serviço, tendo a mulher e os filhos na miséria, foi um dos que apelou para a Relação de Coimbra, onde a sentença contra ele lavrada pelo tribunal foi revogada.

Outro tanto quanto aconteceu com o patrício Agostinho dos Reis. Um rico lavrador, dono da quinta de Val Pereira, em Tomar, trazia também ao seu serviço, abrindo uma vala, uns trabalhadores, originando desordens como esta, que abalam e entristecem todos os espíritos livres, todos os homens com honra, com dignidade e com brio.

Classe miserável paga, em vez de comutivas, reclamar o que de justiça, mas persistindo sempre, alguma coisa da poderemos ainda fazer no meio de tanto egoísmo e de tamanha podridão, se ficarem salvos destes terríveis, fazendo peso para o lado dos patrões.

Homens como os que valentemente se bateram e ainda hoje estariam lutando, se não fosse a cobardia de uns e a fraqueza de outros, homens ousados que trabalham e querem que o seu esforço lhes seja remunerado convenientemente, por ser ainda o máximo que se pode exigir da actual sociedade, os que compreendem que sem elas a Companhia nada seria, e exigem por isso, que o critério, o direito e a justiça, sobrelevem a mentira, a miséria e a desigualdade.

Estante, e é isso o que nos anima, esperando estarmos que a custo, é fáctico, mas persistindo sempre, alguma coisa da poderemos ainda fazer no meio de tanto egoísmo e de tamanha podridão, que se aítinga os ferroviários do Sul mais tarde seria aplicado a todo se o não fosse seguindo.

Desta forma, e atendendo ainda a que por parte da Companhia não havia vontade em negociar com o pessoal as reclamações, principalmente as de ordem moral, adiando continuamente a sua resolução, desejando apenas que o governo lhe autorizasse a falada sobre-taxa de 100%, foi, por o pessoal assim o ter determinado, declarada a greve em 5 de outubro, e presencou-se esti coisa absurda. O pessoal que mais barafustava, o pessoal que queria a

AS GREVES

Ferroviários do Estado

Nota oficiosa

Acaba de se efectuar uma série de prisões injustificadas de ferroviários militarizados, à quem atribuem responsabilidades, que não tem pela saída do serviço dos restantes ferroviários militares, pois que este gesto foi praticado voluntariamente por todos eles, originado apenas na situação em que se encontram os Caminhos de Ferro, como o tem demonstrado.

Uma das máquinas da C. P. que foi para o Barreiro, chegou ali avariada, tendo de regressar a Vendas Novas com pouca carga, sem lhe ser reparada a avaria.

Continuam os protestos do público contra os roubos e contra as mentiras que tem sido cidadas na imprensa, a propósito de normalização de serviços. Até este Comité tem chegado protestos contra a atitude da imprensa, que não tem publicado as reclamações que de vários pontos do país lhe tem sido dirigidas.

A atitude que está sendo tomada pelos militares dirigentes dos caminhos de ferro ultrapassa as raízes do tolerável e está produzindo a maior revolta, em todos quantos tem conhecimento dessa atitude.

Em todo o pessoal grevista produziu um efeito agradável a atitude tomada pelos ferroviários militares, que na sua totalidade abandonaram os serviços.

Continuam as manifestações, por parte da classe operária, a favor dos ferroviários, preparando-se todo o proletariado para os secundar, num movimento geral, se tanto for necessário, para demonstrar aos novos governantes a urgência que há, para bem da economia nacional, em fazer cessar o conflito ferroviário, entregando os Caminhos de Ferro aos profissionais, com o fim de salvar o que ainda resta de bom e útil nos mesmos. — Comité Central dos Ferroviários do Estado.

Efeitos da «normalização»

Escrivemos um ferroviário de Cabrela relatando-nos factos interessantes que não podem passar despercebidos a fim do povo fazer uma ideia do que vem a ser a normalização, que o sr. Raúl Esteves canta.

Deu-se o seguinte caso no dia 31 de Outubro, há um mês, não sendo tarde, porém, relata-lo, porque tudo quanto nos deu a ideia da normalização, aqui deve ficar registrado. Ora, nessa data devem os nossos leitores estar lembrados que os jornais davam como normalizados os serviços do Caminho de Ferro.

O combóio que saiu de Quintas, com destino a Beja, levando dez vagões com lenha, teve ao quilómetro 159 que deixar dois vagões, por falta de pressão na máquina; ao quilómetro 154,300 deixou ficar mais quatro, indo a Beja deixar o que ainda restava, voltando depois a máquina para levar os seis vagões que tinham ficado em plena via. Quando a máquina encostava os quatro vagões abandonados, estes como não estivessem engatados à máquina, deslizaram velozes linha para, indo chocar com os outros dois que primeiramente haviam deixado, resultando do choque ficarem três vagões completamente inutilizados e um militar que tinha ficado preso, a um pé de alerfe.

O tenente-coronel Esteves, que de certeza dêste grande triunfo da normalização, e não dizia nada à gente...

Mão... de alerfe

Na rua da Betsa encontrava-se ontem conversando com outros camaradas seu, o ferroviário Artur Valente, quando um pintalete vestido de alerfe, se aproximou e o prendeu.

Sabidas as contas, o pequeno é secretário do sr. Esteves, sim, aquele sr. Raúl Esteves o inventor da... normalização dos serviços.

Efectuada a facanha, o menino com ar de galo em capoeira bem fornida, mostrou-se com um revólver na dextra pelas imediações... Enfim, fez o seu pé de alerfe.

Trabalhadores rurais de Lisboa

Reuniu esta classe para tratar da situação em que se encontram os caminhos ferroviários, com a presença de

mités, entregue a direcção do movimento a um comité mixto, a que se deu o nome de Comité Central dos Ferroviários de Portugal, para assim, unidos, prosseguirmos na batalha com mais ardor, sem desalecimentos.

Assentaram os homens que formavam o referido Comité em que as respectivas classes só retomariam o trabalho quando as reclamações, unificadas, fossem negociadas e satisfeitas e depois de ser retirada das linhas do Sul e Sueste a força armada, principal motivo por que toda a classe ferroviária se encontrava em greve e de cujo objectivo não podia transigir.

A Companhia em presença do movimento grevista

Aspirando a Companhia ao aumento da sobretaxa, de que atraç se fazia, todos os meios eram bons para conseguirem do seu fim.

Foi por isso que, perante o movimento, declarado simplesmente pelo pessoal, colocou-se numa situação neutral, não reclamando a intervenção da tropa, como costuma fazer imediatamente em casos idênticos, nem mandando apresentar o pessoal num curto prazo de tempo, como também é do seu costume, favorecendo até de certo modo, hipócrita é claro, a estabilidade da greve.

Pois nem mesmo assim o pessoal do movimento e via entrava na luta, servindo-se da força e do protesto do pessoal para assim mais facilmente adquirir o que ambicionava, conseguindo o que ambicionava, rapidamente modificou a sua atitude, ordenando aos grevistas que retomassem o trabalho, sob pena de demissão, como se os grevistas naquela ocasião se importassem com as ordens da Companhia, desde que não estivessem salvaguardados os seus interesses morais e económicos e como se ainda

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte	17.664\$48
António Joaquim Inácio	\$50
Carlos Fernandes	\$50
Domingos F. Lopes	\$50
Augusto Santos	\$50
António A. Vieira	\$50
Ivo dos Santos	\$100
José Corrêa	\$150
José Almeida	\$100
C. M. Varela	\$50
A. P.	\$100
Francisco Rosa	\$25
Henrique de Almeida	\$750
Ludovico Príncipe	\$50
Sindicato Único da C. Civil de Lisboa, cotização voluntária	\$25

Quente aberta no Caramujo, entre Descarregadores de Mar e Terra

Constantino Gomes	1800
Albino João Marques	1800
Abílio João Marques	1800
José Francisco	1800
José Lopes	1800
Manuel Nunes	1800
António João Marques	1800
Manuel João Marques	1800
Francisco Domingos	1800

Quente aberta na Associação dos Rurais de Serpa

José Moraes Elias	\$50
Júlio da Cruz Furtado	\$50
Manuel Martins de Arruda	\$50
José António Mantas	\$50
Francisco da Palma Azevedo	\$50
José Azedo	\$50
João Rafaelo	\$30
João dos Santos Torrão	\$30
João Maria Pepe	\$30
Manuel Montes Carrasco	\$30
Bernardino José Janeirinho	\$30
Manuel da Conceição Gomes	\$30
Pedro Belchior	\$20

Quente aberta entre um grupo de carpinteiros navais do Barreiro

José de Assunção	\$20
João Pedro Esteves	\$20
Agripino Cardoso	\$20
José Pereira	\$20
Teófilo José	\$20
Raimundo Ferreira	\$20
João José Nunes	\$20
João José Bravo	\$20
Manuel Ferreira	\$20
Bento de Sousa	\$20
António Francisco da Costa	\$20
Joaquim Ferreira	\$20
João Luís Maria	\$20
Reinaldo da Costa	\$20
Eduardo Ferreira	\$20
Joaquim dos Santos	\$20
Virgílio Bravo	\$20
António Ferreira	\$25
Francisco Ferreira	\$20
Adriano Correia	\$50
A transportar	\$40

Um "benemérito" senhorio

Prepara-se para lançar na rua 137 inquilinos

Em 6 do corrente mês, fomos procurados, como dissemos, por uma comissão representando 137 inquilinos do prédio n.º 538 da rua de S. Bento, a qual nos comunicou que Joaquim Rodrigues Rosa, morador na rua do Duque, 119, 5.º D., o novo proprietário do referido prédio, lhes havia intimado a ordem de saída.

Limitemos-nos, então, a contar o facto, nunca pensando que o homeninho insistisse na asneira, manifestando sempre a esperança de que ele viesse a reconsiderar.

Pois, muito bem. Foi iludida a nossa expectativa. O homem reconsiderou, mas em sentido pior.

Ontem surgiu no pátio do prédio em questão um oficial de diligências a intimar os inquilinos a, num prazo de oito dias, abandonarem as suas moradias.

Assim mesmo. Sem uma razão forte, sem um motivo ponderoso ou não.

Apenas porque lhe apetece, porque tem

apenas em mira o escandaloso aumento de rendas que hão-de esportular os futuros inquilinos.

São 137 os inquilinos compreendendo

neste número 51 menores, e nós pre-

guntamos ao "benemérito" senhorio se ele

fez uma pequena ideia de quanto pode-

custar-lhe a temida...

Para que será distribuída, aos presos,

a cebola, se o carpinteiro é podre?

Prepara-se para lançar na rua 137 inquilinos

Quadrados tipográficos dos jornais

Para assunto respeitante à próxima

assembleia das quadras dos jornais, reúne

hoje, à hora costumada, a comissão

de estudo.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

Decididamente a polícia não faz pro-

gressos! É uma causa de entristecer a

estupidez dos recursos de que lhe man-

age para sair de prender os que

cometem o delito.

<p